

## DIDATICA DEVOCIONAL : TEMER A DEUS \*

\* Ramon A. Ponce é Filólogo diplomado pela LUDWIG MAXIMILIAN UNIVERSITAET (Muenchen)

lcfo2@yahoo.com.br

### PROBLEMA

É peculiar à atitude acadêmica a disposição de examinar hipóteses, embora pareçam elas improváveis à luz da tradição. Isso não será possível sem devotar-se à Realidade, com argúcia e paciência. São as condições que o acadêmico deve criar em seu esforço por fazer o espírito científico surgir de sob a tirania do hábito e do ritual.

Entretanto convém ressaltar que qualquer teologia é considerada pelo mundo científico mera mitologia, ainda que grandes setores dessa esfera de estudos estejam admitindo que vastos componentes de um todo não são óbvios a princípio, até serem assinalados talvez em forma de narrativas. O verdadeiro descobridor é aquele que lhes percebe a interconexão no todo.

Encerrava o nosso trabalho anterior o tema : pecado-justiça-juízo (ignorância-consciência-discernimento) (Jo. 16:8)

No tempo de crise que vivemos, crise das ciências e das consciências, o Espírito nos constrange. "Pecado", "justiça", "juízo", excedem os confins da teologia abrangendo todo o âmbito cognitivo. Dos setores mais restritos e especializados no âmbito do afazer humano convergem iniciativas reclamando um enquadramento para a atomização dos campos do saber.

A Igreja poderia mediar com seu prestígio civilizatório, que a credencia ( para bem ou para mal ) como possível denominador comum, caso consiga unificar sua própria atomização . Unica capaz de pôr a prova toda expressão intelectual-espiritual sob o exame de uma Fé, consegue ela cobrir a correlação de forças, a conexão lógica interior da Realidade.

Seu princípio de diferenciação aglutinadora pode arcar com a esmagadora produção da física, da metafísica, da história e da biologia, e ensinar procedimentos pelos que a humanidade poderia chegar a relacionar-se consigo mesma em harmonia com o Universo.

Alicerçada numa vigorosa compreensão da Realidade, com sua visão privilegiada a Igreja pode sintetizar em unificação qualitativa da consciência , as grandes tensões que se movimentam desenfreadas rumo a qualquer unificação compensadora.

O problema reduz-se então ao dilema: funções inúmeras a operar, mas já elaboramos a FACULDADE de operá-las?

A crise da consciência, articulada em crise da ciência, já afeta os processos da natureza orgânica e inorgânica.

Que a saúde subordina-se à alimentação e ao ar que se consomem, parece-nos hoje evidente, contudo, durante séculos os ritos de encantamento eram tidos como mais eficazes que alimentação e clima, até ser descoberto que fórmulas e narrativas míticas eram outras formas de transmitir conceitos científicos avançados para a época em questão.

## INTRODUÇÃO

Pecado-Ignorancia / Justiça-Consciencia / Juizo-Discernimento. A formula configura os 3 estágios para superar o psiquismo pela consciencia espiritual.

A história bíblica sobre a Queda, narra em Genesis o nascimento do psiquismo humano; primeiro estágio. O “erro” de Adam descendo à limitada esfera perceptiva de HAVA (hebr. EVA: “sensória”) o faz perder transparência e o envolve no véu ARUM (hebr. NÚ ( Gen. 3:1), e SAGAZ (Gen. 3:11) ) Separado de Deus por essa epiderme, Adam passa a ignorar: não mais se reconhece como Autoidentidade EM Deus ( Gen. 1:26 ), destarte, a humanidade irá desconhecer a identidade de Jesus ( Jo. 1: 10-11)

No 2do estágio percebemos as duas fases da conscientização: consciencia de si, e consciencia de outrem (ou compaixão ou crueldade ).

No 3ro ocorre a vitória sobre o principe e Legislador deste mundo, o grande encantador. É o combate final no mundo alucinado que se debate jazendo no maligno, até recuperar-se por obra do Filho de Adam ( Filho do Homem )

Alcançar consciencia e Amor é para o mamifero humano, poderoso e debilitado hóspede no mundo natural subvertido, chegar ao patamar donde projetar-se além do seu fundamental desamparo.

Assunto das grandes teogonias, nelas, o binomio é reduzido a seus aspectos negativos: a Inconciencia (ignorância), motiva Desejo sensorial supostamente produzindo a ilusão das coisas criadas para a morte.

A Escritura melhor articulada, a Biblia, aprofunda o tema. ensinando por etapas a devoção natural, o grau de consciência acima de rituais artificiais repetitivos, e comportamentos mecanicos.

## Consciencia

Que é a devoção? Temos na Biblia o metodo unico para a pratica natural dessa espiritualidade, visando a integração no Ser Universal: o relacionamento exercitado em todos seus estágios, do lúcido trato humano até o conhecimento divino.

Vivendo em religião, quando não estamos no caminho certo da contemplação e verdadeira devoção a Deus, nossa alma e nossa natureza desenvolvem-se muito mal, pior do que se vivessemos no mundo profano.

Votos, pactos, hierarquias podem cingir-nos a uma igreja, mas apenas o caminho da devoção nos reconduz sempre a Deus dele recebendo a lição primária: como tornar humilde o coração, ao ponto de sermos novamente cristalinos ao que está vendo (Gen. 22:14) no oculto (MT.6: 18).

Talvez a devoção seja por isso a "consciencia total" , produzida pelo "conhece a ti mesmo". Tal conhecimento de si, revelaria então seu primeiro dado: quanto é limitado o EU, esse si mesmo.

Percebendo a nossa ignorância, impotência e desamparo estrutural, constatamos então que as forças a mover a vida independem do nosso controle.

O NÃO-EGO, a que estou irremediavelmente associado, me sustenta e preserva. Portanto, não seria bem "penso, logo sou" ( cogito ergo sum) como quer Descartes, mas como von Baader propõem: "sou pensado, logo sou" ( COGITOR, ergo sum)

Pouco sabemos, mas temos liberdade para escolher cooperar com a Magnitude Desconhecida, ao mesmo tempo objetiva e subjetiva, interna e externa a nós.

O salmo 103 mapeia bem esse não-ego que nos primeiros versículos até o 6to , nos mantem internamente: grande entelégua de vida vegetativa que cura e sustenta sem depender da nossa vontade. A partir do vers. 7 age ele exteriormente na nossa história, sempre de maneira artesanal e pessoal , até o vers. 17, onde se ocupa com as grandes Leis a reger o universo , para conclamar do vers. 20 em diante à correta devoção com que a criação deveria corresponder

“Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga o seu santo nome.

Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e não te esqueças de nenhum dos seus benefícios.

É ele quem perdoa todas as tuas iniquidades, quem sara todas as tuas enfermidades, quem redime a tua vida da cova, quem te coroa de benignidade e de misericórdia, quem te supre de todo o bem, de sorte que a tua mocidade se renova como a da águia.

O Senhor executa atos de justiça, e juízo a favor de todos os oprimidos.

Fez notórios os seus caminhos a Moisés, e os seus feitos aos filhos de Israel.

Compassivo e misericordioso é o Senhor; tardio em irar-se e grande em benignidade.

Não repreenderá perpetuamente, nem para sempre conservará a sua ira.

Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui segundo as nossas iniquidades.

Pois quanto o céu está elevado acima da terra, assim é grande a sua benignidade para com os que o temem.

Quanto o oriente está longe do ocidente, tanto tem ele afastado de nós as nossas transgressões.

Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece daqueles que o temem.

Pois ele conhece a nossa estrutura; lembra-se de que somos pó.

Quanto ao homem, os seus dias são como a erva; como a flor do campo, assim ele floresce.

Pois, passando por ela o vento, logo se vai, e o seu lugar não a conhece mais.

Mas é de eternidade a eternidade a benignidade do Senhor sobre aqueles que o temem, e a sua justiça sobre os filhos dos filhos,

sobre aqueles que guardam o seu pacto, e sobre os que se lembram dos seus preceitos para os cumprirem.

O Senhor estabeleceu o seu trono nos céus, e o seu reino domina sobre tudo.

Bendizei ao Senhor, vós anjos seus, poderosos em força, que cumpris as suas ordens, obedecendo à voz da sua palavra!

Bendizei ao Senhor, vós todos os seus exércitos, vós ministros seus, que executais a sua vontade!

Bendizei ao Senhor vós todas as suas obras, em todos os lugares de seu dominio. Bendize oh minha alma ao Senhor.”

Contamos desenvolver ao longo deste trabalho os degraus da devoção:

CONSCIENCIA DE OUTREM-AUTOIDENTIDADE

TEMOR E PERPLEXIDADE

EU-TU

DEVOÇÃO E PRECE:

aqui acompanhamos os passos da correção da consciencia pela contemplação.

Finalmente, na JUSTIFICATIVA, discernimos teologicamente o Temor de Deus

( O MISTÈRIO DE DEUS- O MISTÉRIO DO MAL)

Fieis ao esquema BIBLIA E CULTURA iremos observar sem maiores pretensões a evolução de Consciencia em: Davi, Obed Edom, Jonatas e Jesus obrando eles nos livros de Samuel, Salmos e Evangelhos.

Então teremos a hermeneutica do improvável Antonio Vieira, nascido em 1608. O audaz pregador chegou a ser preso pela Inquisição no ano de 1665, e em 1675 teve a palavra cassada, sendo condenado a reclusão devido à corajosa defesa dos marranos ( judeus convertidos à força ), que ele tomara a si, não retrocedendo mesmo ao ver-se preso pela odienta organização.

Ele fornece o exemplo histórico da gradual defasagem semantica que sofre o material biblico indo por etapas de adaptação a construções culturais: do hebraico-grego originais, ao latim castrense-ecclesiastico, ao portugues do conceptismo filipino.

Vieira nos conduz pelas Sagradas Escrituras na ciencia saborosa de seus periodos impecaveis. Se comparado às distorções berrantes que hoje nos abalam de pulpito, Vieira ao menos edificava. Ele realizou com grande arte uma teologia poetica, feito antes ensaiado por Aquino em lingua latina.

Mais tarde , irão tratar a temática do Amor Divino como amor humano autores classicos e modernos.

Tudo o qual comprova que a cultura ocidental acha a cabal revelação do seu organismo imaginativo na virtualidade da modesta e sofisticada Biblia

CONSCIENCIA DE OUTREM-AUTOIDENTIDADE

Existe uma dobra muito tenue separando a exacerbada autoconsciencia do asceta e a compassiva consciencia do OUTRO, própria do santo. Em toda espécie de espiritualidade encontram-se os dois

extremos. Nos Evangelhos, Jesus caracteriza eruditos fariseus, e sacerdotes, como epítome dos primeiros. Paradoxalmente, Jesus cita numa parábola o exemplo do samaritano semi-pagão, como exemplo do segundo.

Por um lado as práticas cerimoniais de purificação levam a uma “higiene” excludente, por outro lado a pobreza dos excluídos produz a purificação resultante da entrega à poderosa mão de Deus. Controle versus entrega. Sendo central a ambas, a consciência.

Auto-consciência sem auto-identidade leva por compensação, à idolatria de alguma Entidade ( idolatria no esporte ) ou à crueldade. A consciência do outro, com auto-identidade, leva à compaixão ( empatia )

Nosso planeta conta uma história. Está escrito que Deus é no passado que se sabe. Deus é o que já se sabe. Já o indivíduo possui um enredo narrativo, sendo em evolução. A narrativa bíblica dos 7 dias da Criação conta uma Evolução não darwiniana, porque dirigida. São os 7 bilhões de anos de um histórico em aberto.

Teve início em Gen. 1:1, intervindo Deus com duas operações: Gen. 1: 30 narra a inserção do fôlego NEFESH , וְיִשְׁפָּח אֱלֹהִים אֶת רוּחַוּ בְּחַיִּים וְיִשְׁפָּח אֱלֹהִים אֶת רוּחַוּ בְּחַיִּים e Gen, 2:7, do fôlego consciente NESHAMA. וְיִשְׁפָּח אֱלֹהִים אֶת רוּחַוּ בְּחַיִּים מִיְּמֵי אֵינֹן מִיְּמֵי אֵינֹן Milhões de aeons decorreram entre esses “dias”

Todo processo de conscientização, objetiva con-centrar pluralidades. Em biologia, a história do indivíduo é o experimento de toda a história de uma espécie (Haeckel) No histórico humano Jesus, realizou o feito sem paralelo de unificar em si mesmo a consciência individual de milhões de seres fragmentários, atestando que o absoluto é o Sujeito. (Hegel)

A Auto-identidade superior de Jesus como indivíduo realizou a individualidade de cada ser humano. 32 Mas Eu, quando for levantado da terra, atrairei todas as pessoas para mim

Jo. 12 ;32

Entre as centenas de milhares crucificados pelos romanos, por que Jesus é o único capaz de assumir em si o resgate de milhões? Jesus é a suprema Auto- identidade ( EU SOU ) incorporada por um homem.

Os hebraístas judeus Jacob Milgrom , e Hyam Maccoby concordam em que a noção arcana do autosacrifício do herói pelo seu povo consiste em internalizar a consciência de toda a alteridade. Maccoby chega a examinar a crença do primitivo cristianismo judaizante, que afirmava haver-se ocultado sigilosamente de Satanás a verdadeira identidade do profeta Jesus, supliciado como tantos outros numa cruz,

Interrogamo-nos, seria um dos subterfúgios, Jesus orar em voz alta na cruz o salmo 22? Em Marcos 15:34 lemos o início do salmo enunciado por Jesus na cruz, mas é sabido que Ele orou o salmo inteiro, e várias vezes, até entregar o Espírito. No vers. 7 diz ele ser " um verme , não um homem, resíduo da terra" (HEREPAT ADAM ! )

אָנְכִי תוֹלַעַת וְלֹא-אִישׁ; תְּרַפֵּת אָדָם,

Obviamente , a Contra-consciencia desconhecia que todo o programa da Salvação estava sendo professado nesse salmo profetico.

Nos vers 9, e 10 está claramente descrito o procedimento especializado que cercou a nascença do Ungido." Pois tu me tomaste do utero, és a minha fé, já do peito de minha mãe." (v. 9 )

וְלֹא-אִישׁ תְּרַפֵּת אָדָם , אָנְכִי תוֹלַעַת וְלֹא-אִישׁ ;

יִיאַמַּ

עָלֶיךָ , הַשְּׁלַכְתִּי מִרְחֹם; מִבֶּטֶן אִמִּי , אֵלַי)

"Fui lançado a Ti do ventre, minha Fé desde a madre és meu Deus" (vers. 10)

A qualidade privilegiada da "alma" יְהִידָטִי ( IEHIDATI: UNICA ) de Jesus é delineada no vers. 21. Até mesmo a sua condição de UNIGENITO ! Com efeito, o termo hebraico IEHIDATI, de difícil tradução, encontra na Septuaginta a sanção: MONOGENÉ ( as antigas traduções portuguesas relutam nos termos "minha predileta")

Finalmente, o vers. 31 descortina o sacrificio vicário de Um, para a geração de toda uma nova espécie. Trata-se do oposto a uma doutrina de fracos. Humildade não é incriminar a si mesmo. Infere a responsabilidade do Guia que carrega tudo sobre si. É o próprio princípio da ação. Somente com a ação podemos explicar o Ser que reivindicamos, e a ação por excelencia é o sacrificio: o dom de nós mesmo ao Ser que reivindicamos.

A transcendencia de Jesus na Arvore da Vida é tal que significa libertar o homem ao faze-lo reinar sobre si próprio. Liberdade de alguém que vai a alguma parte, porque tem um Caminho

Supostamente , o Opositor teria usado meios extremos para impedir a ação sacrificial, caso soubesse que o Crucificado era Adam Qadmon, o Adam Original,o Filho do Homem.

Nucleando ele em seu corpo o fruto da arvore da Vida, sintetizou em consciencia divina toda a consciencia da humanidade desde Adam. Tudo não obstante, o sangue sacrificial jorrava pela Cruz tocando a terra, elevando o grau de consciencia de todo o planeta.

Um Deus relacional

"Como podeis crer, vós que recebeis honra uns dos outros, mas não buscais a glória que vem do Deus único?"Jo.5:44

Se nossa busca for por fé, não por crenças, convem voltarmo-nos para a Escritura ( só na lingua original ela é infalível ). Posturas e crenças erroneas originam-se facilmente em qualquer corrupção linguística. Os meios neo-pentecostais católicos e evangelicos manipulam premio-castigo , e empregam a Deus obliquamente como dispensador de resultados para as exigencias humanas.

Entretanto, as Escrituras priorizam o humilhado devotamento do homem que ficou consciente da sua criaturidade perante Deus, UNO e pessoal, condição para qualquer aproximação de Quem habita exaltadas regiões, acessíveis somente ao louvor de Israel trememente e prostrado ( sl. 22:3 )

(□□□ BARUCH "benção", provem de □□□ BARACH"joelho" )

Esse posicionamento correto ante o Tremendo Deus patenteia-se de maneira lapidar no salmo da Cruz, Sl. 22. No salmo , o Filho de Deus , crucificado, chega a protestar da profundidade da ignomínia, o cúmulo, no primeiro versículo. Esmagado pelas "faltas", talvez alienara a sua salvação. O texto original diz SHAAGATI □□□□□□□□□□ "minhas faltas". Fiel ao hebraico, a Septuaginta utiliza sem mais, παραπτωμάτων "delitos", "transgressões" , por ser tal o significado de SHAAG. (Poderia ler-se também derivando de SHOEG, "urro".)

## TEMOR - PERPLEXIDADE

Hoje, quando toda pregação triunfalista constroi sobre semanticas falsificadas de termos bíblicos: "glória", "honrar", "abençoar", vejamos essas noções à luz da Escritura.

"Glória", é várias vezes usada nos Evangelhos consoante o registro helenístico que deriva δόξα de δοκεω, opinar , estimar, i.é. glória como fama e renome.

Já nas Escrituras mais antigas, o vocábulo Khavod □□□ sugere também a "densidade" , a terrível objetividade, a realidade do Senhor.

KHAVOD tem ainda outra acepção, o "peso", a "gravidade" sentidos pelo povo de Israel na "densa nuvem" que envolvia os fugitivos com sua força gravitacional, ora adiante, ora atrás deles no deserto.

Essa Visão inspirava temor.

Visão e Temor estão semioticamente vinculados, tanto em hebraico como em latim, bem como em seus derivados: VER: □□□ RAÁ, e TEMER: □□□ IRÁ, são cognatos. Tal como em latim RESPICIO: ver, considerar, dá origem a "respeito" em português.

Os dois termos aparecem sequencialmente no Salmo 40:3 "... muitos verão isso e temerão, e confiarão no Senhor. ...

Trata-se da experiência concreta do REAL, e do temor reverencial ( REVEREOR: ver com temor o verdadeiro )

IRÁ, temor, dá origem a NORAH, " espantoso". Tudo o qual nos permite deduzir que o Temor que dá início à sabedoria é antes bem a PERPLEXIDADE, a inteligência primordial que nos posiciona acima do básico animal; a este espanta, ao humano, seduz.

Os autores das escrituras desenvolveram a seguir a noção de ROCHA, para plasmar o real, que os susteve durante o pesadelo do deserto. Ela , conforme Deut. 32: 4, tem "caminhos" corretos.

"Ele é a nossa Rocha, suas obras são todas perfeitas, e seus caminhos todos, justos. Deus é fiel, e jamais comete erros. Deus é bom, sábio e justo!" o que o judaísmo popular irá elaborar na crença da nuvem tão densa que já é ROCHA a preceder Israel no deserto e que em 1 Co. 10:4 irá "seguir" o povo.

Em Ex. 40:34 encontram-se os dois termos, nuvem e glória cumulando com sua gravidade o santuário

"34 Então a nuvem cobriu a Tenda do Encontro, e a Glória de Yahweh encheu todas as dependências do Tabernáculo. "  
e em 2Sm 22:47 "se eleva"

"47 O SENHOR vive! Bendita a Rocha da minha vida! elevado seja Deus, o meu Salvador!."

... a palavra hebraica para "se eleva" é "iarum" e no contexto descreve uma qualidade dessa ROCHA.

#### EU-TU

Há um homônimo de Obed, avô de Davi ( filho de Boaz e Ruth : Rt. 4: 17-22 ) o ilustre desconhecido Obed Edom " escravo de Edom", " geteu" ele, nativo de Gath ( Gaza), em cuja casa Davi depositou a Arca da Aliança com Deus, quando seu amor a Deus trepidava ( 2Sm 6: 9-11 ) Em 2 Sm 6:6, lemos que Uzá lançou mão da Arca que o boi deixava cair , e a segurou. A desproporção da cólera divina que resultou disso , nos surpreende, ( já Davi " ficou irado" )

Uma análise do hebraico talvez ajude a entender .

UZZÁ "no tranco" אָזָא deriva de אָזָא " força violenta". Curiosamente אָזָא é também "bode" (significando culto aos ídolos a palavra אָזָא )

Seria útil nesta indagação consultar 1Sm 2; 9-10, onde se cotejam dois tipos de força: a humana (v. 9) e a que Deus concede ao Rei (v. 10) . O certo é que Uz é dado ali por Deus ao ungido. Ninguém devia manipular a Deus, só a unção habilita a uma maior familiaridade com Deus.

O grande EU SOU repele qualquer ação oblíqua por parte do ser humano. O homem que já esteve uma vez presente na "Cena Prínária de Instrução" ( Harold Bloom) ministrada pelo Grande Verbo, é compelido a dirigir-se ao Senhor como EU-TU e não como EU-ELE ( M. Buber )

Isso exige-se somente de seres humanos que houverem alcançado a necessária Autoidentidade para medir-se com EU SOU.

A ignomínia humana seria pre-condição para o homem fruir os hálitos da familiaridade divina? Impensável para o moderno ente humano que se acha emancipado de qualquer dependência, ensandecido como está, em conquistar tecnologicamente o Reino da Terra aqui e agora.

Isso não obstante, Jacó, cognominado Israel após PENI-EL ( a cara de Deus ) , entregue à sua coragem já lutara corpo a corpo entre abraços com Deus durante sua grande vigília. Para ser, Jacó tinha que participar com a força que ignora a si mesma, não humilhado, mas entregue. ( Na construção de minha identidade há alguém em mim que combato para me transcender.) O enxerto em Deus constitui-se por laços que são vasos comunicantes e nos fundem no grande tronco. Porque existe um princípio donde tudo saiu: raízes, tronco, ramos, frutos. Qual é ? É a possante semente no Homem dos homens. (só Ele pode me fazer vencedor) Jacó renuncia ao maravilhoso espetáculo de Deus para entregar sua carne à aventura, para pertencer a Deus que alimenta com seiva e que ele contribui a alimentar pelo direito de estar ligado, de receber e dar, de acessar a plenitude que o enche e faz ser maior do que ele mesmo.

Para um homem dessa catadura, Jacó demonstrava valor não desprezível. Sua alcunha futura contém a raiz ISHR direito ou correto, que acrescido de EL resulta em ISRAEL, direto a Deus, valentia que Deus parece admitir não somente de um varão, mas até de uma apoquentada mulher, a hemorroisa de Mt. 9:20, quando impelida ao extremo da dor, ela chega à necessidade terminal





Amor como processo cognitivo que Davi vivenciou em todas suas etapas ! Ele foi em espiral ascendente : de uma criança com a sua consciencia indiferenciada, à discriminação simbolica de um Deus numa Arca, ao culto da nobreza divina, à experiencia do UM, a traves da elevação gradual que tambem foi o conhecimento da Treva luminosa (Ex. 40:38)

Nessa trajetória do humano ao divino, onde termina Davi, começa Jesus, Filho de Davi.

Após a permanencia do Senhor por 3 meses em casa de Obed Edom, Davi se arma de alegria e faz subir a Arca à sua cidade. Louco de júbilo ele dançava "cingido somente pelo Efod" (2 Sm 6: 14 )

Consta de várias traduções que um certo moralismo força a tradução de EFOD BAD □□□□ □□□□□□ pelo eufemismo equivocado "vestes sacerdotais de linho". Ora, a palavra BAD aqui não significa linho, mas segue o uso adverbial normal "apenas" ( "cingia-se apenas com o Efod" uma espécie de gravata) Quando Mical zomba do esposo isso fica claro, aduzindo ela em SM 6:20 que tal nudez escandaliza as mulheres. Mical ironiza a espontanea nudez de Davi usando o verbo NI KHEVAD derivado de KHAVAD glória , que assim conjugado é "destacou-se, distinguiu-se", e que a Septuaginta traduz por uma conjugação do termo DOXA , fama ou glória: δεδοξασται. A seguir , Davi expõe a conexão entre a glória humana e o completo abandono à devoção natural por Deus.

Davi faz valer o auto-aviltamento que aprendera de Obed Edom e repreende Mical no versiculo 22. Obviamente Davi desdenhava a " aparencia do mal "

Vão sendo desvendados os vertiginosos níveis de aviltamento através dos quais Davi era instruido por Deus para sua função como ungido e ancestral do Messias.

Davi menciona Saul na sua repreensão de Mical, ao retirar-lhe a benção matrimonial. Lembremos que em 1Sm 20: 24, ele escondera-se no campo cumprindo seu termo do pacto de mutua ajuda selado entre ele e Jonatas , filho de Saul. No verso 30 de 1 Sm 20, Saul fulmina seu filho com a infamia: "amas Davi para vergonha do pudor da tua mãe", ecoando o anatema de Lev. 18;17, mas sem recriminar-lhe traição.

Nessa trajetória do humano ao divino, onde termina Davi, começa Jesus, Filho de Davi.

### IGNORANCIA HUMANA-CONSCIENCIA EM JESUS

Sigamos agora a amável teologia de Antonio Vieira que estabelece paralelos adequados à amizade entre Davi e Jonatas, com Jesus , e que o pregador portugues-brasileiro escalonava em diversas "ciencias altissimas ":

A primeira vez que Jônatas se afeioou a Davi, diz a Escritura Sagrada que lhe fez juramento de perpétuo amor: Inierunt autem David et Jonatas faedus: diligebat enim eum quasi animam suam (fizeram Davi e Jonatas um pacto, porque o amava como a sua alma)]. Passaram depois disso alguns tempos de firme vontade, posto que de vária fortuna; torna a dizer o texto que Jônatas fez segundo juramento a Davi, de nunca faltar a seu amor: Et addidit Jonatas dejerare David, eo quod diligeret illum ( e acrescentou Jonatas outro pacto ,

pois o amava como à sua alma).( 1Sm 20 :17)

Pois, se Jônatas tinha já feito um juramento de amar a Davi, por que faz agora outro? Porventura quebrou o primeiro, para que fosse necessário o segundo? É certo que o não quebrou, porque não fora Jônatas o exemplo maior da amizade, se o não fora também da firmeza. Pois, se o amor estava jurado ao princípio, por que o jura outra vez agora? Porque foi mui diferente matéria jurar o amor antes de conhecido, ou jurá-lo depois de experimentado.

Quando Jônatas jurou a primeira vez, não sabia ainda o que era amar, porque o não experimentara; quando jurou a segunda vez, já tinha larga experiência do que era e do que custava, pelo muito que padeceru por Davi, e era tão diferente o conceito que Jônatas fazia agora de um amor a outro que julgou que o juramento do primeiro não o obrigava a guardar o segundo.

Pois para que a ignorância passada não diminuísse o merecimento presente, por isso fez juramento de novo amor. Não novo, porque deixasse de amar alguma hora, mas porque era pouco o que dantes prometera, em comparação do muito que hoje amava.

Isto sim, isto é amor.

## JESUS

O mesmo digo do nosso fino amante, com a vantagem que vai de Filho de Deus a filho de Saul. Se Cristo pudera não conhecer o amor, ou o não conheceu por experiência, menos fora que nos amasse; porém, conhecendo experimentalmente o amor, e o amor seu, e sabendo que este fora tão rigoroso: que conhecendo Cristo que este era o seu amor, não desistisse, nem se arrependesse, antes continuasse a amar, grande amor!

Grande, porque amou, mas muito maior, porque amou sobre ter amado: Cum dilexisset in finem dilexit. (amou, amando até o fim)(Jo. 13:1)

Bem vejo que me replicam os teólogos que o amor de Cristo, desde o primeiro instante até o último, sempre foi igual, e nunca cresceu. Assim o pedia a razão. Se o diminuir no amor é descrédito, também é descrédito o crescer.

(Há aqui uma alusão à CARTA ATENAGÓRICA de soror Juana inés de la Cruz., na qual a teóloga mexicana mostra-se escandalizada pela ousada ilação de Antonio Vieira .) ( N. do A. )

Quem diz que ama mais desacredita o seu amor, porque ainda que o crescer seja aumento, é aumento que supõe imperfeição. Amor que pode crescer não é amor perfeito. Pois se o amor perfeitíssimo de Cristo sempre foi igual, e nunca cresceu, como dizemos que hoje foi maior?

Todos respondem, e bem, que foi maior nos efeitos. Mas eu, como mais grosseiro, ainda na mesma substância do amor não posso deixar de reconhecer alguma consideração de maioria. Confesso que não cresceu, mas bem se pode ser maior sem crescer.

Estas palavras dizem mais do que soam. Amasse e amou não têm mais diferença que no tempo; na significação não têm diversidade. Que nos diz logo de novo o evangelista? Se dissera: como amasse muito, agora amou mais, bem estava; isso é o que queria provar. Mas, se queria dizer que amou mais, como diz somente que amou? Porque o diz com tais termos, que dizendo só que amou, fica provado que amou mais: Cum dilexisset, in finem dilexit. (amando, amou até o fim)

### Ignorancia-consciencia

Pois, para que o mundo levante o pensamento de considerações vulgares e comece a sentir tão altamente das finezas do amor de Cristo, como elas merecem, advirta-se, diz o Evangelista, que Cristo amou sabendo: Sciens Jesus (Jo. 13,1), e advirta-se, diz Cristo, que os homens foram amados ignorando: Tu nescis ( Tu não sabes ) (Jo. 13, 7).

que só Cristo amou finamente, porque amou sabendo: Sciens (sabendo), e só os homens foram finamente amados, porque foram amados ignorando: Nescis ( ignoras ). Unindo-se porém, e trocando-se de tal sorte o sciens com o nescis, e o nescis com o sciens, que, estando a ignorância da parte dos homens e a ciência da parte de Cristo, Cristo amou sabendo como se amara ignorando, e os homens foram amados ignorando como se foram amados sabendo. Vá agora o

amor destorcendo estes fios. E espero que todos vejam a fineza deles.

Só Cristo amou, porque amou sabendo. O que vulgarmente se chama amor, nunca chega à idade da razão, e por isso os sábios no-lo pintam sempre menino. A ignorância, no amor, diminui o merecimento.

Primeiramente só Cristo amou, porque amou sabendo: Sciens. Para inteligência desta amorosa verdade, havemos de supor outra não menos certa, e é que no mundo, e entre os homens, isto que vulgarmente se chama amor não é amor, é ignorância.

Pintaram os antigos ao amor menino, e a razão, dizia eu o ano passado que era porque nenhum amor dura tanto que chegue a ser velho.

Mas esta interpretação tem contra si o exemplo de Jacó com Raquel, o de Jônatas com Davi, e outros grandes, inda que poucos. Pois se há também amor que dure muitos anos, por que no-lo pintam os sábios sempre menino? Desta vez cuido que hei de acertar a causa.

Pinta-se o amor sempre menino, porque, ainda que passe dos sete anos, como o de Jacó, nunca chega à idade de uso de razão. Usar de razão e amar, são duas coisas que não se ajuntam. A alma de um menino que vem a ser? Uma vontade com afetos, e um entendimento sem uso. Tal é o amor vulgar.

Tudo conquista o amor quando conquista uma alma; porém o primeiro rendido é o entendimento. Ninguém teve a vontade febricitante, que não tivesse o entendimento frenético. O amor deixará de variar, se for firme, mas não deixará de tresvariar, se é amor.

Nunca o fogo abrasou a vontade que o fumo não cegasse o entendimento. Nunca houve enfermidade no coração que não houvesse fraqueza no juízo.

Por isso os mesmos pintores do amor lhe vendaram os olhos. E como o primeiro efeito, ou a última disposição do amor, é cegar o entendimento, daqui vem que isto, que vulgarmente se chama amor; tem mais partes de ignorância; e quantas partes tem de ignorância, tantas lhe faltam de amor.

Quem ama porque conhece, é amante; quem ama porque ignora, é néscio. Assim como a ignorância na ofensa diminui o delito, assim no amor diminui o merecimento. Quem ignorando ofendeu, em rigor não é delinqüente. Quem ignorando amou, em rigor não é amante.

É tal a dependência que tem o amor destas duas suposições, que o que parece fineza, fundado em ignorância, não é amor, e o que não parece amor, fundado em ciência, é grande fineza.

As quatro ignorâncias do amante, e as quatro ciências de Cristo. Primeira ciência do amor de Cristo: amou-nos conhecendo-se.

Quatro ignorâncias podem concorrer em um amante, que diminuam muito a perfeição e merecimento de seu amor.

Ou porque não se conhecesse a si, ou porque não conhecesse a quem amava, ou porque não conhecesse o amor, ou porque não conhecesse o fim onde há de parar amando.

Se não se conhecesse a si, talvez empregaria o seu pensamento onde o não havia de pôr, se se conhecesse.

Se não conhecesse a quem amava, talvez quererá com grandes finezas a quem havia de aborrecer, se o não ignorara.

Se não conhecesse o amor, talvez se empenharia cegamente no que não havia de empreender, se o soubera.

Se não conhecesse o fim em que havia de parar amando, talvez chegaria a padecer os danos a que não havia de chegar, se os previra.

Todas estas ignorâncias, que se acham nos homens, em Cristo foram ciências, e em todas e cada uma crescem os quilates de seu extremado amor.

Conhecia-se a si, conhecia a quem amava, conhecia o amor, e conhecia o fim onde havia de parar amando. Tudo notou o Evangelista.

Conhecia-se a si, porque sabia que não era menos que Deus, Filho do Eterno Padre: Sciens quia a Deo exivit [ sabendo que veio do Pai ]. Conhecia a quem amava, porque sabia quão ingratos eram os homens, e quão cruéis haviam de ser para com ele: Sciebat enim quisnam esset, qui traderet eum [pois sabia quem o entregaria]. Conhecia o amor, e bem à custa do seu coração, pela larga experiência do que tinha amado: Cum dilexisset suos [amando os seus].

Conhecia finalmente o fim em que havia de parar amando, que era a morte, e tal morte: Sciens quia venit hora ejus[sabendo que lhe chegara a hora]. E que, conhecendo-se Cristo a si, conhecendo a quem amava, conhecendo o amor, e conhecendo o fim cruel em que havia de parar amando, amasse contudo?

Grande excesso de amor: In finem dilexit!( amou-os até o fim )

Primeiramente, foi grande o amor de Cristo porque nos amou conhecendo-se: Sciens quia a Deo exivit ( sabendo que viera do Pai ) (Jo. 13, 3). Que conhecendo-se Cristo a si nos amasse a nós, grande e desusado amor!

#### A ciência da Cruz

Conhecia-se Cristo a si, e amou como se não conhecesse; sabia o que amava, e amou como se o não soubera; tinha experimentado o amor, e amou como se o não experimentara; previu o fim a que havia de chegar amando, e amou como se o não previra.

E porque amou sabendo, como se amara ignorando, por isso só ele amou e soube amar finalmente: Sciens, sciens, sciens, sciens in finem dilexit eos ( sabendo, sabendo, sabendo amou os até o fim ).

Este foi, cristãos, o amor de Cristo, esta a ciência, e as ciências com que nos amou, e esta a ignorância, e ignorância sobre que somos amados. Tragamos sempre diante dos olhos este sciens ( sabendo ) e este nescis ( ignoras ); tenhamos sempre na memória – que o mesmo Senhor tanto nos recomendou neste dia – a sua ciência e a nossa ignorância.

Sirva-nos a sua ciência de espectador, para nunca deixar de amar; sirva-nos a nossa ignorância de estímulo para sempre amar mais e mais a quem tanto nos amou. Como não havemos de amar sempre a quem sempre está vendo e conhecendo se o amamos?

Como não havemos de amar muito a quem nos amou tanto, que jamais o poderemos alcançar, nem conhecer? Oh! que confusão tão grande será a nossa, se bem considerarmos a força e correspondência deste sciens e deste nescis!

Se Cristo não conhecesse o amor dos homens, tivera o nosso amor essa consolação nas suas tibiezas, e se os homens conhecessem o amor de Cristo, tivera o seu amor essa satisfação nos seus excessos.

Mas que, sendo o amor de Cristo tão excessivo, não o conheçam os homens, e que, sendo o amor dos homens tão imperfeito, o conheça Cristo! Mui igual e mui desigual sorte é a de ambos.

#### Eu-Tu-Nós

Os remédios que isto tinha, Senhor, era que vós e nós trocássemos os corações. Se vós nos amásseis com o nosso coração, proporcionado seria o amor e o merecimento, e bastaria a nossa ignorância para o conhecer. E se nós vos amássemos com o vosso, amar-vos-íamos quanto merecis, e só a vossa ciência conheceria o nosso amor.

Mas já que isto não pode ser, vós que só vos conheceis, vos amai; vós que só conheceis vosso amor, o pagai. E se a única glória vossa e sua, saber-se que só de vós pode ser pago, e só de vós conhecido. Assim o cremos, assim o confessamos, e, prostrados aos pés de vosso amor, lhe oferecemos uma eterna coroa, tecida deste nescis ( ignoras ) e deste sciens ( sabendo ):

Sciens quia venit hora ejus, in finem dilexit eos ( sabendo que chegara a sua hora, amou os até o fim )

#### DEVOÇÃO E PRECE

Se inadvertidamente fomos nos amarrando de pés à cabeça, a melhor solução é começarmos a nos desamarrar desfazendo primeiro o ultimo nó que fizemos, e assim por diante. Invertendo a ordem dos tres estágios, obtemos as 3 esferas concentricas : são os 3 espaços em que se desenvolve o ser humano.

(1)As lutas e vitórias do convívio social ocorrem na esfera periferica onde reina o príncipe deste mundo. Praticamos ali as Leis do céu e da terra, resumidas nos 10 Pronunciamentos do Monte Sinai.

(2)Na 2da esfera interna, tecemos laços familiares na comunhão de nossa pequena comunidade. Amadurecemos pelas Leis (Mandamentos) que Jesus deixou indo para o Pai.

(3)Na terceira esfera centro, começamos a superar a ignorancia utilizando os 3 passos da Prece. Também retrospectivamente:

a)Jesus enuncia seu programa em Jo. 17: vers. 3, 6, e 21.

"3 E a vida eterna é esta: que te conheçam a Ti, o Único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste"

6Eu revelei o teu Nome àqueles que do mundo me deste. Eles eram teus; Tu os confiaste a mim, e eles têm obedecido à tua Palavra.

21para que todos sejam um, Pai, como Tu estás em mim e Eu em Ti. Que eles também estejam em nós, para que o mundo creia que Tu me enviaste.

(b) No 2do passo da oração acompanhamos o profeta Elias em 1 Reis 19 :11-12. Passamos pelos temores que cercam a liberdade dentro de nossa caverna.

"...11Diante destas palavras, Deus lhe disse: "Sai deste lugar e vá ficar diante de mim no alto do monte!"

Então o SENHOR passou por ali e mandou um vento muito forte, que fendeu os morros e partiu as

rochas em pedaços. Contudo, Yahweh não estava no vento.

Quando o vento arrefeceu e parou de soprar, ocorreu um forte terremoto; porém o SENHOR não estava no tremor das terras.

12Em seguida ao terremoto, caiu um fogo, mas o SENHOR também não estava no fogo.

E depois do fogo veio um sussurro de brisa suave e tranquila. "

(c) O 3ro passo articula-se com o anterior. Segundo Gen. 2: 7, submergindo (Batismo) no folego de Vida, instalamo-nos no interior das coisas (visão axial).

7Então o SENHOR modelou o ser humano do pó da terra, feito argila, e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente.

## CONCLUSÃO

Em suma:

Pecado-Ignorancia: não mais poderíamos nos prevalecer dessa inocencia. Pela consciencia teriamos crescido além dos hábitos.

Justiça-Consciencia: Jesus deixou-nos adultos e foi para o Pai, que reina entre nós. (Lc. 17:21)

Juizo-Discernimento: ao longo de 2.000 anos o príncipe deste mundo cumpriu sua função já prevista. Suplantando a Jesus por um projeto ( com permissão ) montou a vasta ribalta para o cenário alucinante onde o nosso livre arbitrio se exercitou.

Já fomos ignorantes, incapazes de distinguir certo de errado, enquanto o hábito nos protegia. Iamos a igrejas, a serviços religiosos, da mesma forma que nossos pais faziam, mas desprogramados sem saber, nos surpreendíamos fazendo o que jamais pensaríamos fazer: consequência, recriminações querelas, raiva.

O príncipe e Legislador deste mundo dirigia o espetáculo demencial. Então descobrimos que não tínhamos religião, nem meio qualquer de distinguir entre bem e mal. Afinal, só nos restavam hábitos.

Era nos urgente outra consciência, que como a Pedro um dia na tempestade, por mera auto-consciencia nos fez andar em pés de Jesus, mesmo afundando, para receber graça tamanha: nossa ínfima auto-consciência foi aumentada em Fé pela mão do Salvador. (Mt. 14:31)

É dom da devoção natural transformar o habito autoconsciente em Compaixão, consciência de outrem. Enquanto exista vontade, também existirá o Caminho. Já emergimos do sonambulismo para a vida em abundancia que Jesus nos deu.

## JUSTIFICATIVA

### O mistério de Deus. O mistério do Mal

"Eu não vou continuar a falar muito mais convosco, pois o príncipe deste mundo está chegando. Ele não tem direito e nada pode sobre mim; " Jo. 14:30

Poderia imputar-se ao autor haver traçado um quadro de ligações sado-masoquistas entre o homem e Deus: auto-comiseração por um lado, e por outro absolutismo onipotente. Já entre os humanos : psico-dramas. Não esqueçamos que a novidade trazida ao mundo por Israel, o Deus

Pessoal e UNO, instruindo a elevadíssima ética da " Lei ", teve de sobrepujar séculos sem conta de paganismo psicótico e embrutecedor, posto que habil no domínio da natureza.

Sendo todavia, a natureza, o único domínio que pode prescindir do homem e a dimensão cultural que ele instaurou, fica provado que o fenómeno humano é o projeto do Deus UM. Só Ele pode humanizar a sua criatura. Nosso arcabouço psicológico é mais propenso ao magnetismo hipnótico da natureza, do que às Leis da Realidade

Analizemos de uma perspectiva ampliada a história da Igreja à luz de "Pecado-Justiça-Juizo"

A ação sacrificial de Jesus na cruz tem sido vista de forma equivocada por uma teologia que carece de penetração no valor que as antigas Escrituras conferem ao sacrifício como superação do "mal", a antiga serpente encarregada de obstaculizar o trabalho da Criação. Nas Escrituras, a figuração só aparece no livro de Numeros com o nome de satan, que em hebraico é um verbo adjetivado: era função do anjo obstruir( verbo satan) o caminho de Balaam montado em sua jumenta.

Mais tarde o profetismo plasmou uma demonologia que com o tempo foi exagerada.

Toda uma exegese maniqueísta originada em tendencias marcionitas veículadas por Agostinho personificaram o Mal numa espécie de divindade paralela, o "DIABO". Uma adequada exegese vetero-testamentaria entretanto, basta para corrigir a distorção.(Jacob Milgrom )

Sondando o significado bíblico do "levedo" proibido no sacrifício da Pascoa, obtemos elementos para compreender o que seja o "instinto do Mal". YETZER HA RA.

O levedo que é eliminado durante o período pascal é a arrogancia, que é autoidolatria. Conforme a história de Caim, ela é a primeira forma de idolatria que substitui a Deus. A Escritura despreza a arrogancia e dá muito valor à humildade.

Se o fermento é proibido durante a Pascoa, por que não se ordena consumir pão azimo, o pão da humildade durante o ano todo? Porque o YETZER HA RA , o levedo da arrogancia é útil nos seus próprios termos. É o que dá ao homem livre arbitrio.

O instinto do Mal é necessário para que a vida do homem tenha significado, pois não podemos viver sem desafios. A resistencia produz esforço que é imprescindível para adquirir merito espiritual. Não fosse o instinto do Mal, não haveria luta espiritual, e portanto nenhuma possibilidade de vitória.

A maioria entre nós não vive todos os momentos da vida para servir a Deus , como Moshé o grande profeta. A maioria vive para si e para aqueles a quem ama. Até a restauração do Salvador, o homem terá que utilizar seu instinto mau para fazer coisas grandiosas.

A sabedoria judaica professa o seguinte acerca da auto-idolatria da arrogancia. "maldito quem a possui, e maldito quem não a possui" A arrogancia faz o homem ser ídolo. mas sem ela, como mudar o mundo?

Primeiro o homem tem de tornar-se humilde como o pão azimo, o pão dos pobres. Quando perceber que ele nada é perante Deus, poderá usar o "fermento" para fazer o mundo mudar.



Conferindo nesse panorama o ultimo segmento que trata do principe deste mundo com sua atuação nessa história, forçoso é constatar a ação de Paulo no desvio dos parametros que Jesus traçara.

Mais uma vez constatamos a presença do Mal necessário como componente no esquema maior de toda a história da Salvação desde Adam.

#### A doutrina de homens (Isaias 29: 13)

A cristologia paulina ( Colossenses ), despojou Jesus do seu lado humano mais acessível, e o relegou a um firmamento cintilante. Jesus não mais é o profeta denunciante, o Mestre que treina ( não aconselha), o Justo Sofredor, que despertou, e vive. O deísmo de Paulo forjou um Cristo rebaixado a nível de ideia, uma figuração abstrata, um idolo inerte.

É suspeito o motivo pelo qual Paulo se insurge contra a "LEI". Haveria conta do tema essencial das suas cartas, sobressai nelas a sua atividade como legislador. Sua obsessão é a autoridade, que ele transfere a si mesmo, exonerando a "Lei". De maneira conflituada, é claro.

Receioso acima de tudo da libertação individual, para melhor consolidar sua idéia de Ordem na criação de instituições, e por calculo político, Paulo minimiza o livre arbitrio por meio das obras.

Obcecado em estabelecer entre homem e Deus relações mais jurídicas que filiais, Paulo dará cada vez mais relevo a "seu" evangelho, um conglomerado de decretos , sintese híbrida de preocupações utilitárias e inflexibilidade teocrática, de ficções e de dogmas.

Acaba-se desconfiando que na sua experiencia a caminho de Damasco , o que atingiu Paulo foi o impacto súbito de uma idéia genial: institucionalizar o Deus Absoluto, sendo iminente a falencia de Templo e Império.

Paulo retira-se então para construir o seu genial sistema de teologia política. Lembremos que nos seus planos esteve sempre "julgar os próprios anjos" (1 Cor. 6 )

Como Paulo muito bem expõem em Col. 1, a sua teologia mais que a ressurreição, enfatiza a "morte" de Jesus, à qual ele associa o seu próprio heroísmo. ( Col. 1:22-23 ) Paulo, na qualidade de sábio habilidoso e sábio interesseiro explora teologicamente grandes verdades metafísicas caras ao paganismo ( morte ritual de um deus ) e populares até hoje a través de Nietzsche.

Paulo sabia como vasculhar segredos do fenomeno humano, para revelar sempre de novo seu potencial tragico. Nesse cenário, o Evangelho, a Lei de Israel levada à plenitude por Jesus, acabou reinterpretado por Paulo para uso daquele mesmo paganismo multiseular: o próprio Deus pessoal apresenta-se ao mundo como Instrutor Espiritual para conscientizar ao paganismo, composto de gente estatisticamente normal, que eles são insanos e podem fazer algo a respeito. Duas decadas depois, Paulo diz ao mundo que não é bem assim...

#### Ceia eucarística e ritos pagãos

O embate entre o psiquismo-animismo pagão, e a espiritualidade humanizante de Israel, produziu o amalgama Psiquismo-Espiritualidade, que a traves da Igreja, modelou a mentalidade ocidental. Especialmente a traves do rito central : Missa/ Ceia, no qual o poder psiquico de um oficiante

ordenado pela hierarquia de hierofantes poderia de reencenar e atualizar agicamente o sacrifício de Jesus. ( Trans-substanciação)

Em 1 Cor 11. Paulo tem a idéia magistral de instituir e sacramentar o que seria o ritual eucarístico, a Ceia do Senhor. Em 1 Corintios 11 ele conclui, diferindo de Marcos e Mateus, com um segundo mandato, repetir a ação " como recordação de mim". Somente Lucas 22:19 repete essa formula conforme a versão de Paulo.

A versão de uma Ceia de Jesus como sacramento, a ser repetido ritualmente em recordação do falecido Jesus, somente é mencionada em Lucas, discipulo e divulgador de Paulo e seu evangelho ( Lc. 22:19 ) Nem Mateus, Marcos , nem ainda menos João falam de memorial.

(O livro de Atos menciona apenas que os discípulos reuniam-se “para a fração do pão”)

Em consequencia, somente Lucas faz a Ceia prosseguir com a discussão entre os discipulos sobre uma jurisdição hierárquica nos céus. É claro que Lucas transmite o relato como o recebeu, parte da jurisprudencia paulina. Paulo especula em 1 Cor. 11:29 no estilo esotérico de Dyonisos Areopagita divagando sobre "discernir", e "julgamento" i.e. condenação. ( Dyonisos foi um dos primeiros discipulados por Paulo já no Areopago: Atos 17:34.)

Segundo Paulo, os fieis de Corinto comiam e bebiam durante a refeição do deus morto "proclamando a morte do Senhor até que venha", fraseologia cara à mitologia grega. (Vale lembrar que o banquete funeral de Dyonisos , Baco, concluia em bacanal, rito normal tambem entre os gregos de Corinto)

Jesus simplesmente reunia-se com seus amigos para a refeição do Seder pascal, refeição que todo ano comemora em Israel a fuga do Egito e sempre tem um carater jubiloso. Na ocasião desse Seder histórico, Jesus completa a Lei,estabelecendo com os homens uma Nova aliança sacrificial que Paulo, na estratégia de captar os pagãos dyonisiacos converte em rito funéreo: o deus morto pode condenar, caso não se observe pureza ritual.

Contrário a ritos funéreos, Jesus, o maior de todos os reformadores, sempre é o mais generoso, porque mais ingenuo. Ele como ninguem soube equiparar ao desenrolar da história, a idéia de autoidentidade. (Jo. 14: 19-21 )

"19 Dentro de pouco tempo o mundo não me verá mais; entretanto, vós me vereis. Porque Eu vivo, e vós da mesma forma vivereis. 20E naquele dia, entenderéis que Eu estou no meu Pai, e vós, em mim, e Eu, em vós. ... 21Aquele que tem os meus mandamentos e obedece a eles, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai, e Eu também o amarei e me revelarei a ele."

Na ocasião houve certamente um tom de alta solenidade, mas de maneira alguma as exequias com o panegírico de alguém falecido, pelo contrário, Jesus indica claramente que beberá em refeição proxima o "vinho NOVO" no reino. O vinho novo desintegra o velho involucro, incapaz de conte-lo. ( traduzindo "de novo", Jesus seria afastado do convívio humano diario e relegado a um futuro escatológico)

Os tratados de Dyonisos " A Hierarquia Celestial", e "A Hierarquia Ecclesial" são definitórios do papel que a Instituição da Ceia sacramental terá em estratificação por castas a Igreja e a sociedade desde a Idade Media

"...em virtude de sua dignidade distinguimos: o mais santo dos sacramentos, os seus officiantes ordenados, um corpo de sacerdotes encarregados de administrar os mistérios sagrados, e

finalmente os fieis"

Preocupado em estipular o dogma do novo ritual, Paulo demonstra ignorar o verdadeiro sentido de "corpo" na linguagem semítica de Jesus. Como muito bem o interpreta João no cap 17:21

21 para que todos sejam um, Pai, como tu estás em mim e eu em ti. Que eles também estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste.

22 Dei-lhes a glória que me deste, para que eles sejam um, assim como nós somos um:

23 eu neles e tu em mim. Que eles sejam levados à plena unidade, para que o mundo saiba que tu me enviaste, e os amaste como igualmente me amaste.

Muito antes da Ceia, já em Cafarnaum (Jo.6 :53) Jesus convidava os amigos a " ter vida" consumindo do seu Corpo e sangue

Trata-se da incorporação unitiva dos crentes na unidade que Jesus desfruta com o Pai, não se tratando portanto de uma ilação quanto a matéria e forma: a determinação ritual da matéria por uma "idéia" (forma) prévia, germe da causa final.

Paulo racionaliza com impecável lógica o que escapa à lógica helenística. As idéias que a inteligência forma, sómente possuem uma verdade possível, por ser a sua seleção arbitrária. As idéias por nós elaboradas podem até ser logicamente certas, mas não sabemos se são verdadeiras.

Jesus pronuncia-se desde a esfera do que não precisamos decifrar, crescendo da própria raiz e manifestando seu Ser, que antes de nós já era claro. Ele é uma Pessoa, Caminho (método), Verdade( experiencia) e ante tudo: Ele está vivo ! (Jo. 6: 53-59) O que Ele alcançou na Cruz, a suprema individuação de uma entidade coletiva, Ele estende a seus amigos.

A experiencia dessa união com o "corpo" de Jesus só é possível como acontece com a experimentação do sábio, ela é anterior ao trabalho da inteligência, e só acessível pela completa consagração. O nível em que Jesus opera tal união é de tal modo elevado, que situa o homem acima dos seus atos e acima de qualquer "condenação".

Em Emaús Jesus demonstra que venceu o mundo, e diz con animação:

"Tende bom ânimo, eu venci o mundo" João 16:33

Superando de vez as leis da biofísica, Jesus penetra no recinto estando as portas trancadas e preside a refeição usando seu corpo renovado

Tanto João 21:14 quanto Atos 1: 3-4 salientam com insistencia a comensalidade de Jesus após despertar da morte, dizendo que Jesus "comia com eles ", o qual é apenas natural, já havendo Jesus avisado "estarei convosco até o fim dos seculos"(João 14.20)

Jesus detecta na sucessão temporal, um principio de enriquecimento, uma fecunda ruptura com a monotonia do idêntico, um aperfeiçoamento sempre em marcha.

Um desafio lançado à idéia do irreparável pecado original : esse é o sentido ultimo da revolução de Jesus. Antes de proceder à superação dinamica da ordem estabelecida, Jesus liberta o homem do culto das origens fatais, idéia tão cara à religião.

Ele fez isso logo no inicio, minando o poder dos deuses na pessoa do Inimigo no deserto, (Mt. 4 /

Mc. 1: 12-13 / Lc. 4:1-3) quando anulou o seu poder sobre a consciencia.

Porque são os deuses que a traves do trágico paganismo nos acorrentam a um mundo anterior à história, desprezando o otimismo da renovação.

Ao despertar da morte, Jesus retorna á história em Emaus, inserindo-se novamente na renovação da história. Como reformador protótipo, Jesus nos sugere que o tempo contem potencialmente a resposta a todas as indagações (“Eis que faço novas todas as coisas “Apoc. 21, 6) e o remédio para todos os males. Que a história é agente de uma renovação total.

Como ninguém antes ou depois Jesus definiu em si mesmo o lugar de Ser, o Homem (Heidegger) Só Ele sendo capaz de existir, de saber , e de abandonar-se no Devir individual em elevada Autoidentidade.. Como expoente máximo da autenticidade do Homem ele realiza as diferentes maneiras de Ser: facticidade (Jesus muda séculos de história em UM ano ) , derelição, (Jesus na Cruz) , historicidade. ( A Autoidentidade de Jesus define o lugar humano no tempo: o Homem fadado à liberdade, achar o Homem a cada momento.

Paulo, entretanto, irá postular a invariabilidade da natureza humana (Filemon 15 e 22 ) Ao delatar o escravo Onesimo, que ele se recusa a libertar diz ele:

15 É possível que ele tenha sido separado da tua companhia por algum tempo, a fim de que pudesses reavê-lo agora e para sempre.

(...se nos debruçamos sobre a miséria fortuita dos homens, que não nos detenha aquela que resulta de injustiça, não tentemos remediá-la...)

22Além disso, prepara-me hospedagem, pois espero que por meio das vossas orações serei levado de volta a vós.

Tão contrário ao Jesus de Mateus 13-54/ Marcos 6 : 2 e Lucas 4: 18, 19 , 21.

18“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para pregar o Evangelho aos pobres.

Ele me enviou para proclamar a libertação dos escravos e a recuperação da vista aos cegos; para restituir a liberdade aos oprimidos,

19 e promulgar a época da graça do Senhor.

21Então Ele começou a pregar-lhes: “Hoje se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir”

Segundo Paulo, a história é um tempo todo ele identico, o espaço onde se desenrola o monotono processo da nossa degradação. Seu pensamento, como todo pensamento fatalista, tomou da tragédia clássica o que ela tem de mais profundo, a concepção do irreparável, a visão estática do mundo, cuja unica saída é o escapismo escatológico para um "arreatamento". Para um Olimpo ao gosto das apoteoses do paganismo.

Já em 1 Co 15;54, com sua citação de supostas escrituras, paulo propõem um ardiloso metodo para suplantar a Lei e superar Jesus. o segundo passo no programa segue de Rm 5: 7 em diante, para ficar explícito no trecho que com mais brilho expõem o esquema. Em Heb. 6: 1-1 exímio discípulo de Paulo esquematiza o objetivo: fazer tabua rasa de tudo: batismo, imposição de mãos , resurreição, Juizo Final visando um Eyseon para iluminados, ao estilo do Areopagita, inspirador de Plotino (Hebr. 6:4)

Como todo metafísico em busca de constantes, Paulo exclui o diverso e o possível. Para o grau de indiferença do metafísico Paulo, a história não tem mais valor que o próprio homem, que para ele,

deixou de ser importante.

“ 20 E entre esses foram Himeneu e Alexandre, os quais entreguei a Satanás, para que aprendam a não blasfemar.” I Timoteo 1:20

Esse fragmento confirma que a auto-consciência levada ao extremo da auto-idolatria, suprime o temor de Deus

### Temor e discernimento

Não se compreende nada de Deus quando se prega um deus inofensivo, muito menos o Deus que faz a sua inocência de Homem reversível em proveito dos culpados.

Em oposição à doutrina maniqueísta, um princípio bom e um princípio mau coexistem em Deus, como assim também na natureza. O Mal é tão constitutivo do SER quanto o Bem, ele é a "natureza", e os problemas que o Mal suscita se tornam insolúveis se nos recusarmos a situá-lo na composição da substância divina.

A ideia do Deus falho não é gratuita, mas perfeitamente compatível com a sua Onipotência. Somente isso confere alguma inteligibilidade aos processos históricos, a tudo o que eles contêm de monstruoso, de insensato e banal. Atribuir ao autor do Devir somente pureza e bondade é desistir de compreender o mais importante acontecimento da história: a Criação.

Deus não quis excluir o Mal, mola dos atos, agente indispensável para quem, cansado de repousar em si mesmo, aspirava a sair de si para expandir-se e degradar-se no Tempo.

Segredo do nosso dinamismo, o Mal se retiraria da nossa vida se vegetássemos na perfeição monótona do Bem, que segundo o Gênesis, defasava o próprio EU SOU.

O combate entre o Bem e o Mal trava-se em todos os níveis da existência, inclusive na Eternidade. Estamos mergulhados na aventura da Criação, proeza das mais temíveis, sem fins morais, e tal vez sem significado, não fosse pela ciência da Cruz.

Embora a ideia e iniciativa pertençam a Deus, não podemos senão amá-lo, tão grande é o seu prestígio de Primeiro Culpado.

Tornando-nos seus filhos, associou-nos a este imenso movimento de solidariedade com a Natureza. Decaída, ela é finalmente reerguida pelo filho de Adam na árvore da Vida, a Cruz.

Quanto a Rm. 5 : 7, nenhum homem é punido enquanto justo, mas sempre enquanto homem, de modo que é falso dizer que a virtude sofre neste mundo. É a natureza humana que sofre, e ela sempre o merece. Forçosamente erramos porque atuamos no mundo das formas. Somos seres para a morte (Heidegger), não pelo incentivo da Lei, como Paulo queria (1 Co. 15:56) mas porque estamos na História devido a Adam, e a História nos renova devido a Jesus.

Como exigir do justo que discrimine entre sua qualidade de homem e sua qualidade de justo? Nenhum inocente irá afirmar: sofre enquanto ser humano, não enquanto homem de bem. Isso comumente nos leva a enganarmo-nos sobre a revolta de Jó, que cedeu diante de Deus mais por cansaço do que por convicção.

Nada permite considerar a bondade como sendo o único atributo de Deus.

Que é uma injustiça de Deus para com o homem? Há por acaso outro legislador universal acima de Deus, que possa determinar como deve Deus agir em relação ao homem? Quanto mais terrível

Deus for, e mais se redobra nossa perplexidade, base da inteligência: mais nossa prece será ardente e infatigável, pois nada nos garante que sua "bondade" nos premiará.

Sendo que a prova de Deus é anterior a seus atributos, sabemos que Ele É, antes de saber o quê Ele é. Estamos num Universo cujo soberano proclamou uma vez por todas as Leis que tudo regem. Essas Leis revelam uma sabedoria e até uma bondade notáveis. Para o homem não há posição melhor a tomar, do que o respeito e o amor. Pois uma vez que esse Senhor existe e que devemos servi-lo, não é melhor servi-lo por amor?

Quanto mais examinamos o Universo, mais sentimos que o Mal vem de uma divisão, que o retorno ao Bem depende de uma força contrária nos impelindo a uma urgente Unidade. Nossa degradação se remonta a nossa separação do Todo.

O que parece certo é que a História foi viciada, e nossa identidade foi desfeita, mas que a ruptura é sarada na invencível tarefa de recordar.

## BIBLIOGRAFIA

Mauzé, Marie, Michael E. Harkin, and Sergei Kan, eds. 2004.

Coming to shore: Northwest Coast ethnology, traditions, and visions. Papers presented at the Northwest Coast Ethnology Conference, Paris, June 2000. Lincoln: Univ. of Nebraska Press.

Von Baader :

Saemtliche Werke 1913.

Hyam Maccoby: The Sacred Executioner: Human Sacrifice and the Legacy of Guilt (1983).

John Dewey, F. M. Alexander :

Man's supreme inheritance/

Constructive conscious control/

The use of the Self/

The universal constant of living ) 1999

Martin Buber :

Ich und Du, Reclam, Stuttgart 2008, S. 71

## HAROLD BLOOM

The Western Canon: The Books and School of the Ages. New York: Harcourt Brace, 1994.

Ernst Haeckel: Die Welträtsel. Gemeinverständliche Studien über monistische Philosophie

Dionysius the Areopagite, Works (1899) vol. 2. p.67-162.

The Ecclesiastical Hierarchy

Antonio Vieira

Sermão do mandato

Friedrich Hegel

Phenomenologie des Geistes

Martin Heidegger

Wesen un Zeit